

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Tamires Caroline Arend

AULAS DE LÍNGUA MATERNA: UMA PROPOSTA  
PARA APRIMORAR A COMPETÊNCIA DISCURSIVA  
DOS ALUNOS

Passo Fundo

2016

Tamires Caroline Arend

AULAS DE LÍNGUA MATERNA: UMA PROPOSTA  
PARA APRIMORAR A COMPETÊNCIA DISCURSIVA  
DOS ALUNOS

Monografia apresentado ao curso de Letras,  
Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa  
e Respectivas Literaturas, do Instituto de Filosofia e  
Ciências Humanas, da Universidade de Passo  
Fundo, como requisito parcial para obtenção do grau  
de licenciado em Letras, sob orientação da Prof. Dr.  
Luciana Maria Crestani.

Passo Fundo

2016

Tamires Caroline Arend

AULAS DE LÍNGUA MATERNA: UMA PROPOSTA PARA APRIMORAR A  
COMPETÊNCIA DISCURSIVA DOS ALUNOS

Monografia apresentada ao curso de Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, Português - Inglês e respectivas Literaturas, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Maria Crestani.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Luciana Maria Crestani – UPF

---

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

---

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de deixar registrado o meu sincero agradecimento a todos que de alguma forma contribuíram para que este trabalho fosse realizado: primeiramente a Deus, por não deixar que eu desistisse quando muitas vezes estava cansada; à minha família, às minhas colegas do curso de Letras que sempre me apoiaram e me incentivaram e em especial à minha Orientadora pela atenção, apoio, dedicação, paciência e por ter aceitado orientar este trabalho. Muito obrigada!

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

Paulo Freire

## RESUMO

A presente monografia tem como objetivo apresentar uma proposta de plano de unidade centrado no trabalho com o letramento e com o multiletramento, a fim de desenvolver a competência discursiva dos alunos. Tal pesquisa discute sobre a importância do ensino de língua materna focar-se no desenvolvimento da leitura, interpretação e produção de textos. Esse trabalho é embasado, principalmente, nas proposições de autores que discorrem sobre ensino de língua materna: Marcuschi (2012), Bagno (2005), Possenti (1996), Soares (2004), Rojo (2009, 2012), Bagno (2005), Kleiman (2005) e Neves (2005, 2009). Também os preceitos dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000) e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006) são aqui observados. Ao final deste estudo, apresenta-se, então, uma proposta de plano de unidade para o Ensino Médio, tendo como foco o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem de língua materna. Competência discursiva. Letramento. Multiletramentos.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Formulário de perguntas.....	29
Imagem 2 -Formulário de respostas.....	30
Imagem 3 -A evolução da televisão e do homem.....	35
Imagem 4 - A evolução humana.....	35
Imagem 5 -Tem algo (muito) errado no seu celular.....	36
Imagem 6 - Notebook transformista.....	36
Imagem 7 -Deus EX e o futuro do corpo humano.....	37
Imagem 8 - Para onde vão os vídeos do Snapchat depois que se apagam?.....	38
Imagem 9 -Uso de tecnologias em universidades.....	38
Imagem 10 -O tablet vai às aulas.....	39

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

OCEM: Orientações Curriculares para o Ensino Médio

PCNs: Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 AULAS DE LÍNGUA MATERNA: REFLEXÕES SOBRE ENSINO- APRENDIZAGEM.....</b>	<b>11</b>
2.1 Considerações sobre o ensino de Língua Portuguesa em sala de aula.....	11
2.2 O trabalho com os gêneros textuais em sala de aula.....	18
<b>3 LETRAMENTO E MULTILETRAMENTOS: ABORDAGEM PANORÂMICA .....</b>	<b>22</b>
3.1 Letramento .....	22
3.2 Multiletramentos .....	24
<b>4 PROPOSTA DE PLANO DE UNIDADE COM VISTA NOS LETRAMENTOS E NOS MULTILETRAMENTOS .....</b>	<b>27</b>
4.2 Plano de unidade .....	27
4.2.1 Aula 1 – 2 períodos.....	28
4.2.2 Aula 2 – 2 períodos.....	34
4.2.3 Aula 3 – 1 período .....	40
4.2.4 Aula 4 – 2 períodos.....	42
4.2.5 Aula 5 – 2 períodos.....	43
4.2.6 Aula 6 – 2 períodos.....	45
4.2.7 Aula 7 – 1 período .....	47
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista o ensino atual de língua materna, é possível dizer que, apesar da escolarização obrigatória, os baixos níveis de conhecimentos dos alunos da educação básica ainda são preocupantes. As avaliações oficiais, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), apontam que os alunos, em sua maioria, têm dificuldades de interpretação e, principalmente, de produção de textos. Conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2014), os candidatos apresentam grandes dificuldades com relação à ortografia, à concordância gramatical e às competências argumentativas. Isso deriva da falta do hábito da leitura, resultando no fracasso escolar com relação à leitura, compreensão e produção textual.

Se os alunos precisam ter, no mínimo, doze anos de escolarização, como é possível que, ao final desse período, quando submetidos à prova do ENEM, obtenham resultados insatisfatórios? Como explica Rojo (2009, p. 33), os baixos escores obtidos demonstram que “a escola – tanto pública como privada –, neste caso, parece estar ensinando mais regras, normas e obediências a padrões linguísticos que o uso flexível e relacional de conceitos, a interpretação crítica e posicionada sobre fatos e opiniões, a capacidade de defender posições e de protagonizar soluções[...]”. Os alunos obtêm resultados insatisfatórios porque nas provas do ENEM preponderam questões de interpretação, compreensão, inter-relação de textos verbais e não verbais, conhecimento de mundo e das diferentes manifestações de linguagem. Em nenhum momento nas avaliações são cobradas nomenclaturas e classificações dos fatos da língua. Por isso, é importante que os professores de língua materna voltem o seu trabalho para a leitura, a compreensão, a interpretação e a produção de gêneros textuais diversificados, o trabalho com a gramática deve ser feito nessa perspectiva também.

Esses princípios de abordagem da língua também são propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (2000). Eles preveem que, nas escolas, os alunos precisam desenvolver competências relacionadas ao uso da língua (ler, compreender, produzir textos orais e escritos) nos diferentes contextos de interação social, o que implica também explorar as novas tecnologias e os códigos que elas trazem consigo. Em outras palavras, determinam que, nas aulas de língua materna, é preciso promover e vivenciar práticas de letramento e

multiletramentos a fim de aperfeiçoar as competências discursivas para interagir em sociedade.

No entanto, apesar de as propostas dos PCNs e de as avaliações oficiais seguirem na mesma direção, ainda é marcante o descaso com relação à leitura, à análise e à produção de gêneros textuais em muitas realidades escolares. O texto é, na maioria das vezes, explorado de forma superficial, com algumas perguntas que pouco instigam à reflexão e à inter-relação de ideias, e logo a seguir, é usado como pretexto para ensinar classificações gramaticais. Assim, pouco se trabalha no sentido de desenvolver a competência leitora e, menos ainda, a de produção textual. Isso se torna um desafio, pois a escola é o espaço propício para discutir, refletir e desenvolver atividades relacionadas às práticas sociais de uso da língua, assim como para troca de experiências e para a construção de competências e de habilidades discursivas.

A partir dessas considerações, ressalta-se a importância de desenvolver práticas de ensino-aprendizagem com vistas aos letramentos e multiletramentos nas aulas de língua materna. O letramento está relacionado aos usos da leitura e da escrita no meio social e os multiletramentos trazem em seu escopo a preocupação com a multiplicidade de culturas e também à multiplicidade semiótica de constituição dos textos que existem na atualidade. Esses dois conceitos se voltam ao emprego da língua nas práticas sociais e quando explorados em sala de aula - com leitura, escrita, interpretação, compreensão e produção de textos - colaboram para a formação intelectual dos alunos e para o desenvolvimento das competências discursivas. A função da escola não é formar ótimos classificadores, decoradores e organizadores da língua portuguesa, mas sim formar alunos competentes linguisticamente, leitores e produtores de textos tanto orais quanto escritos, capazes de fazer bom uso da linguagem em diferentes situações de interação.

Nesse contexto, a presente monografia busca repostas para as seguintes inquietações:

- a) Como auxiliar os alunos do ensino médio a desenvolver a competência discursiva/comunicativa?
- b) Que tipo de atividades podem contribuir nesse sentido?
- c) Como explorar a gramática num projeto que se volte para tal competência?
- d) Como estimular práticas de letramento e de multiletramentos nas aulas de língua materna?

Tendo em conta esses questionamentos, o objetivo geral deste trabalho é apresentar uma proposta de plano de unidade voltada para o trabalho com o letramento e o multiletramento, a fim de desenvolver a competência discursiva dos alunos para a construção da aprendizagem.

Portanto, a presente monografia tem o foco nos letramentos e nos multiletramentos, a fim de enriquecer os debates e as reflexões sobre as formas de educação, além de propiciar, a partir da proposta de plano de unidade, bases para o desenvolvimento intelectual dos alunos com o intuito de incentivar o aprendizado da língua materna por meio do uso das ferramentas e tecnologias digitais.

Sendo assim, a organização dos capítulos dar-se-á da seguinte forma: o primeiro capítulo introduzirá o tema; no segundo capítulo, buscamos tecer algumas reflexões sobre o ensino de língua materna nas escolas de educação básica. Para tanto, buscamos fundamentação nas publicações de Neves (2005, 2009), Possenti (1996), Becharra (1985), Bagno (2005) e, principalmente, nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000). O terceiro capítulo abordará a questão do letramento e dos multiletramentos, embasado em Kleiman (2005), Rojo (2009, 2012), Soares (2004), bem como nos documentos que regem o ensino de língua materna para o segundo grau - PCNs e Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006). No quarto, e último capítulo, apresenta-se uma proposta de Plano de Unidade que contempla atividades voltadas para o desenvolvimento das habilidades discursivas dos alunos e o trabalho com os letramentos e os multiletramentos nas aulas de língua materna. Por fim, tecem-se as considerações finais.

## 2 AULAS DE LÍNGUA MATERNA: REFLEXÕES SOBRE ENSINO-APRENDIZAGEM

Neste capítulo, dividido em duas seções, procuramos tecer algumas reflexões sobre o ensino da língua materna. Na primeira seção, mais especificamente, procuramos refletir sobre o ensino de gramática – e de qual gramática – em sala de aula e sobre como ela pode (ou não) contribuir para o desenvolvimento de competências discursivas nos alunos. Para nortear a fundamentação teórica da primeira parte do capítulo, serão utilizados os autores: Possenti (1996), Bechara (1985), Rojo (2009), Neves (2005, 2009), e Bagno (2005).

Na segunda seção, falaremos sobre o que se propõe como ensino de língua materna a partir do trabalho com gêneros textuais. Para conduzir a fundamentação, serão utilizados documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2006), e autores como Marcuschi (2008) e Koch (2006).

### 2.1 Considerações sobre o ensino de Língua Portuguesa em sala de aula

O ensino de Língua Portuguesa, na maioria das escolas da educação básica, ainda parece muito focado na gramática tradicional, em que é necessário que o aluno decore listas de palavras correspondentes a classes gramaticais e, principalmente, que aprendam nomenclaturas e classificação de palavras/termos/orações. Esse tipo de atividade exclui o processo de reflexão sobre o funcionamento e a prática de linguagem, tratando a língua como um mecanismo morto e descontextualizado, ao invés de vê-la como fruto da prática social e, portanto, adaptando-se às diferentes situações de interação e em constante transformação.

*A gramática tradicional tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento- toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. (BAGNO 2005, p.117)*

Segundo Bagno (2005, p.35), “está provado e comprovado que uma criança entre os 3 e os 4 anos de idade já domina perfeitamente as regras gramaticais de sua língua!”. Segundo a teoria gerativista de Noam Chomsky(1950),todas as crianças possuem um Dispositivo de Aquisição da Linguagem (DAL) e esse dispositivo gera uma Gramática Universal (GU) que é

comum em todas as línguas naturais. Partindo desses conceitos, todas as crianças já nascem preparadas para criar, operar e utilizar sentenças de acordo com o contato e com os seus conhecimentos prévios da língua que será utilizada. Por exemplo, uma criança que fala “eu comi” e “eu bebi”, provavelmente quando for conjugar o verbo irregular “fazer”, dirá “eu fazi”. Isso ocorre porque ela já internalizou regras relativas à conjugação dos verbos regulares, e, assim, opera com o que já sabe sobre a língua. De acordo com Bagno (2005, p.35), as sutilezas, sofisticções e irregularidades da língua serão apreendidas e aperfeiçoadas quando as crianças forem expostas a leituras e a estudos. Mas, segundo Bechara, a escola

recebendo um aluno já possuidor de um saber linguístico prévio limitado à oralidade, a escola não o leva a desenvolver esse potencial – enriquecendo a sua expressão oral e permitindo-lhe criar, paralelamente, as condições necessárias para uma tradução cabal, efetiva e eficiente, expressiva e coerente (falando ou escrevendo) de suas ideias, pensamentos e emoções. (1985, p. 5),

De acordo com as reflexões de Neves (2009, p. 128), “ensinar eficientemente a língua e, portanto, a gramática é, acima de tudo, propiciar e conduzir a reflexão sobre o funcionamento da linguagem”. Segundo a autora, como citado no exemplo acima, para que o falante nativo utilize a língua ele não precisa estudar a gramática anteriormente, pois o falante já possui competência linguística para entender e produzir os enunciados complexos de sua língua. Portanto, nas aulas de língua “a gramática não é uma disciplina que se deva colocar externamente à língua em funcionamento, e que se resolva na proposta de uma simples taxonomia” (NEVES, 2009, p. 80). Essa é uma verdade, mas não é o que se realiza nas escolas, especificamente nas aulas de língua materna.

Tal aspecto se comprova na pesquisa de Neves (2005). A autora, através de questionários e de entrevistas, com seis grupos de professores de Língua Portuguesa da rede de quatro cidades do estado de São Paulo — na oportunidade foram entrevistados cerca de 170 professores do Ensino Fundamental e Ensino Médio —, buscou compreender como ocorre a situação do ensino de gramática nas escolas. A primeira constatação da pesquisadora foi a de que todos os professores, em algum momento, ensinam gramática. Quando questionados sobre o “para que se ‘ensina’ a gramática”, 50% deles responderam que a ensinam para o aluno ter um melhor desempenho, uma melhor comunicação, uma melhor expressão e, conseqüentemente, uma melhor compreensão, destacando-se o desempenho

ativo; outros 30% responderam que é devido à preocupação com a normatividade, para o conhecimento de regras ou de normas, e principalmente para o conhecimento do padrão-culto; 20% acreditam que o ensino da gramática serve para adquirir as estruturas da língua padrão, para ter um melhor conhecimento dessa língua e também para operar sistematicamente com ela; e, por fim, 1% dos professores declararam que só ministram aula de gramática para cumprir o cronograma de ensino.

Ainda sobre as entrevistas aplicadas por Neves (2005), quando questionados sobre o “para que se ‘usa’ a gramática que é ensinada?”, novamente a maior porcentagem de respostas foi a obtenção de um melhor desempenho linguístico, ou seja, falar e escrever melhor, e conseqüentemente, para conseguir sucesso na vida prática. De outro lado, apareceu o estudo da língua com a finalidade de ser aprovado em concursos e ter um bom desempenho na vida social e profissional, e outra parte concluiu que serve “para nada”. A partir da pesquisa feita, a autora conclui que, nas aulas de língua materna,

A aquisição das estruturas da língua é vista como uma finalidade do ensino desligada de aplicação prática, traduzindo-se no próprio conhecimento das estruturas da língua, em si e por si, ou mais uma vez, em nada. Quanto à finalidade de ensino para simples cumprimento do programa, sua utilização vem ligada ao sucesso na própria sala de aula (acertar exercícios), o que significa, novamente, não se apontar necessidade real para o ensino da gramática. (NEVES, 2005, p.11)

Como se percebe, ensinar regras e normas gramaticais não será eficiente se isso não incidir sobre os usos que os sujeitos fazem da língua, ou seja, se a gramática ensinada não contribuir para a interação nas diferentes práticas sociais, tendo em vista que a língua é um mecanismo vivo e que ocorre no momento em que está sendo utilizada. Segundo Possenti (1996, p.47), “*não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas.*” Conforme o autor (1996), o domínio de uma língua só é possível através de práticas efetivas, significativas e contextualizadas. Também Neves assim defende:

é a língua em funcionamento que tem de ser objeto de análise em nível pedagógico, já que a compartimentação da gramática como disciplina desvinculada do uso da língua tem sido um dos grandes óbices à própria legitimidade da gramática como disciplina com lugar no ensino da língua portuguesa. (NEVES, 2005, p. 49)

Retomando a pesquisa de Neves (2005), percebe-se que apesar de todos os docentes estarem cientes de que a gramática serve principalmente para melhorar a competência discursiva dos alunos, muitos insistem em aplicar as aulas de gramática simplesmente para transmitir os conteúdos — descritivos e classificatórios dos fatos da língua — que estão expostos nos livros didáticos. E, muitas vezes, os professores utilizam o manual de gramática como único meio de consulta para ministrar suas aulas. A autora ainda (2005) salienta que a leitura e a escrita são práticas habituais de muitos professores.

Sobre a atividade linguística, Neves (2005 p.40-41) explica que ela possui três dimensões: a primeira é a dimensão discursiva, que é a expressão linguística em uma situação real de comunicação, ou seja, uma atividade comunicativa; a segunda é a dimensão semântica pela qual, segundo o contexto e a cultura, as expressões se interpretam, ou seja, uma atividade cognitiva; e por fim a dimensão sintática ou gramatical que regram as construções de uma língua, neste último caso a linguagem é considerada um objeto de análise. Os resultados da pesquisa feita pela autora levam-na a concluir que os professores conhecem essas diferentes dimensões da linguagem, mas, pela força maior, insistem em conduzir de maneira equivocada essa complexidade: priorizam o ensino da língua como objeto de análise, como estruturas que precisam ser nomeadas, classificadas, e só!

Tendo em vista as reflexões citadas anteriormente, o que podemos esperar das aulas de língua materna que são ministradas de forma mecânica, conceitual e que não validam a complexidade da língua? Esse tipo de atividade parece inadequado e ineficiente, o que se comprova também pelos resultados das provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), avaliação oficial que procura auferir os índices de aprendizado dos alunos no período escolar. Os baixos escores obtidos pelos alunos no exame mostram a dificuldade destes no que tange à leitura e a interpretação de textos, levando em conta que os alunos são usuários dessa língua e, mesmo assim, apesar de uma década de estudos, eles ainda não são aptos para operar e utilizar a língua materna de maneira eficiente e reflexiva, como sugerem os documentos que regem a educação básica. Os descritores do Exame Nacional para o Ensino Médio, segundo Rojo (2009), exigem que os alunos estabeleçam relações entre os diferentes tipos de textos, seu contexto histórico, político, social ou cultural, inferindo as escolhas dos temas, gêneros discursivos e recursos expressivos dos autores e esses conceitos não são abordados de maneira efetiva nas escolas de educação básica, especificamente no Ensino Médio.



Nesse sentido, é preciso repensar o que ensinar nas aulas de língua materna. As aulas não podem se resumir a decorar, classificar e encaixar determinados termos em determinados espaços, é preciso que nelas se abra espaço para refletir sobre os usos da língua e sobre os processos que a envolvem. Freitas (apud ROJO, 2009) explica que os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio afirmam que a formação do leitor e do escritor só é possível se o próprio professor de língua materna se apresentar para os alunos como alguém que vive na experiência da leitura e da escrita. Se o professor tiver em seu planejamento um trabalho de pesquisa constante, ele certamente terá domínio do seu objeto de estudo e conseguirá mediar o trabalho com a língua de maneira prazerosa para os seus alunos. Acredita-se que as aulas de língua materna visam à formação intelectual e humanística e, para isso,

É preciso que cada professor de língua assuma uma posição de cientista e investigador, de produtor do seu próprio conhecimento linguístico teórico e prático, e abandone a velha atitude repetidora e reprodutora de uma doutrina gramatical contraditória e incoerente. (BAGNO, 2005, p.140)

A escola é um lugar privilegiado para o estudo e a utilização de todas as modalidades da língua, além de ser responsável por ensinar como é o real funcionamento da língua e fazer com que os usuários reflitam e adquiram competências discursivas para agir nas esferas sociais. As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006, p.27) consideram que a disciplina de língua portuguesa deve possibilitar o desenvolvimento de ações de produção de linguagem em diversas situações de interação e, ainda, deve levar em conta abordagens interdisciplinares nas práticas da sala de aula. Sabemos que a competência discursiva que tanto se espera dos alunos só será atingida através da leitura e da produção textual. Nesse sentido, os estudos gramaticais também têm muito a contribuir, desde que neles se abordem aspectos que contribuam para construção dos sentidos dos textos/discursos.

Segundo Bagno (2005 p. 56), gramática em grego significa “a arte de escrever”. Já na consideração de Possenti (1996, p. 64), gramática significa “conjunto de regras”. Este conjunto, o autor subdivide em três: conjunto de regras que devem ser seguidas; conjunto de regras que são seguidas; e conjunto de regras que o falante da língua domina. Tomando esses dois conceitos, podemos considerar que a gramática é um instrumento que deveria ser utilizado pelas escolas para refletir sobre a norma padrão, levando em consideração todos os usuários e as funções da língua, por isso, esse estudo da língua com a gramática (e não da

gramática) precisaria acontecer de maneira significativa e não como único norteador do trabalho com a linguagem em sala de aula. Sabendo disso,

a escola tem a obrigação, sim, de manter o cuidado com a adequação social do produto linguístico de seus alunos, isto é, ela tem de garantir que seus alunos entendam que têm de adequar registros, e ela tem de garantir que eles tenham condições de mover-se nos diferentes padrões de tensão e de frouxidão, em conformidade com as situações de produção. (NEVES, 2009 p.128)

Não podemos esquecer que, segundo Possenti (1996, p.47) “o domínio efetivo e ativo de uma língua dispensa o domínio de uma metalinguagem técnica.” Em outras palavras, para falar uma língua, não precisamos saber descrevê-la ou classificá-la. A língua vai muito além da gramática, como exemplifica Bagno (2005, p. 9) “uma receita de bolo não é o próprio bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua.” Percebe-se, então, que a gramática por si só, é uma forma de descrever e de classificar sucintamente os fatos língua enquanto estrutura. E se volta, ainda, à classificação dos fatos linguísticos como se fossem estanques, como se a língua não estivesse em constante utilização e, por isso mesmo, em constante transformação. Para Neves (2009, p. 113), o ensino da gramática pela gramática pode gerar dois problemas: “a metalinguagem sufoca a linguagem, o que é antinatural e o nível a que se limita a análise (oração) não é o nível ao qual a linguagem chega (que é constructo da interação)”.

Partindo dessas perspectivas, como, então, ensinar gramática nas aulas de língua materna? Para iniciar a reflexão, tomemos como base a citação de Neves:

quando um simples ‘falante’ da língua (um indivíduo que não sabe escrever) passa a ser ‘escrevente’ daquela língua (um indivíduo que sabe escrever), ele terá de desenvolver uma série de habilidades específicas, terá de aprender a manejar unidades específicas e a operar distintas marcas de formulação, ele deverá ter a posse de um novo tipo de desempenho linguístico. (NEVES, 2009, p. 158)

É exatamente nesse momento que ocorre o estudo da gramática a fim de orientar e conduzir o aluno para que ele desenvolva habilidades discursivas apropriadas para cada esfera de interação em que a língua será utilizada. Para ilustrar essa afirmação, podemos pegar o exemplo citado em Bagno (2005): se observarmos placas ou cartazes, o que observamos muitas vezes não é erro de português, mas sim erro de ortografia da língua portuguesa, por exemplo, se em uma placa aparece o seguinte enunciado “loginha de artesanato” a

constatação de erro não está no português, porque o falante/usuário da língua entenderá que em determinado espaço (lojinha) encontraremos determinado produto (artesanato), mas sim na ortografia oficial que justificará o uso da norma culta para corrigir a frase em “lojinha de artesanato”. Esse conhecimento da norma padrão é, segundo Bagno (2005), um saber secundário que só será obtido por meio de treinamento, prática e memorização.

A habilidade de usar a língua tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita, segundo Bagno (2005), é encontrar o ponto de equilíbrio entre a adequabilidade e a aceitabilidade. Quando escrevemos ou falamos, devemos levar em conta a situação que estamos produzindo os nossos enunciados e posteriormente fazer o uso da linguagem para que a interação aconteça. Conforme Possenti (2001), nós aprendemos a falar, falando e ouvindo. Aprendemos a escrever, escrevendo, lendo e sendo corrigidos e reescrevendo. Nesse sentido, a escola é propícia para priorizar e para oportunizar essas atividades para os alunos. Segundo Possenti (1996 p. 88), “a primeira tarefa da escola, do ponto de vista do ensino da gramática, é aumentar o domínio de recursos linguísticos por parte do aluno”, e segue afirmando,

fica óbvia a necessidade de expor o aluno a experiências que o obriguem a viver a variedade que se quer que ele aprenda. Fica óbvia também a ideia de que, antes de descrever a sintaxe e a morfologia das expressões, o professor deve certificar-se de que o aluno sabe usá-las e entendê-las. (POSSENTI, 1996, p.85)

O aluno que é leitor, em geral, escreve e se comunica bem. Não porque sabe (e geralmente não sabe) classificar orações, períodos, palavras ou desvendar o porquê de determinada acentuação, mas sim por compreender o sentido que tais enunciados estabelecem dentro do texto, por conhecer a função e a utilização da linguagem dentro do texto que ele está produzindo e, principalmente, por dominar a língua que ele está utilizando. Levando em consideração os PCNs (2000, p.17), “o estudo de língua materna deve, pela interação verbal, permitir o desenvolvimento das capacidades cognitivas dos alunos”. Sendo assim, o documento cita que

o processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa deve basear-se em propostas interativas língua/linguagem, consideradas em um processo discursivo de construção do pensamento simbólico, constitutivo de cada aluno em particular e da sociedade em geral (PCN, 2000, p.18).

É importante salientar que se o aluno tiver contato com diversos gêneros textuais e a partir desses textos fazer reflexões e aperfeiçoar as habilidades de leitura, interpretação, compreensão e produção textual, esses alunos estarão aptos para explorar a linguagem e a fazer reflexões sobre os usos linguísticos, considerando as variações e as mudanças que esses usos sofrem de acordo com a sua utilização. Para que esses estudos aconteçam, os PCNs (2000, p. 19) apontam que “o texto é único como enunciado, mas múltiplo enquanto possibilidade aberta de atribuição de significados, devendo, portanto, ser objeto também único de análise/síntese”.

Tendo em vista o estudo feito nesse capítulo, podemos concluir que um estudo significativo da língua materna precisa levar em conta a exploração e a reflexão sobre essa língua, e para isso é necessário partir de uma proposta de plano de ensino que proporcione o contato com diversos gêneros textuais e que privilegie o trabalho sistemático com o texto e não apenas utilize o texto como pretexto para ensinar nomenclaturas e classificações gramaticais.

## **2.2 O trabalho com os gêneros textuais em sala de aula**

Com base nas Orientações Nacionais para o Ensino Médio 2006, as práticas de língua maternadevem abordar temas pertinentes para tal idade, também concernentes à cultura e às práticas sociais que os alunos desenvolvem fora da escola e, por fim, que proporcionem o desenvolvimento deatividades educativas para avançar a níveis mais altos de estudos, tornando os alunos independentes e autônomos.

O papel da disciplina de Língua Portuguesa, segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), é o de possibilitar, por procedimentos sistemáticos, o desenvolvimento das ações de produção de linguagem em diferentes situações de interação. Nesse sentido, o documento salienta a importância da reflexão sobre o uso da linguagem nos diferentes contextos sociais e nos diferentes discursos. Essa reflexão é importante de ser abordada na sala de aula para mostrar aos alunos todos os aspectos de variação linguística, de práticas de discurso, de gêneros textuais e da diversidade da língua em todas as esferas sociais.

Um trabalho nessa perspectiva só pode ter como base os diversos gêneros textuais, para que os alunos possam ter acesso a diferentes formas de expressão, linguística, verbal e não verbal e, conseqüentemente, para adquirir capacidades cognitivas de inferir e argumentar sobre esses textos. Os textos que farão parte da sala de aula, segundo os PCNs (2000), devem priorizar a realidade social e cultural do aluno e acima de tudo estimular o gosto pela leitura. O trabalho referente ao texto deve levar em conta, segundo o documento, o texto como objeto de estudo e de análise; a definição das regras linguísticas deverá ser explorada de acordo com as particularidades de cada gênero em determinada situação de interação; os textos devem ser usados em situações concretas de aprendizado e não apenas como pretexto para ensinar gramática; e dessa forma, o ensino a partir de textos proporcionará o trabalho com a leitura crítica, o conhecimento social no qual esse gênero circula a interpretação e a compreensão desse texto, o estudo da língua com relação ao vocabulário, à ortografia, à mudança e à variação linguística e, conseqüentemente, o desenvolvimento das habilidades discursivas dos alunos.

Com o avanço da sociedade e com a predominância da cultura eletrônica, surgem novas formas de comunicação tanto orais quanto escritas. Os gêneros nesse sentido, segundo Marcuschi(2012), também vão se modificando, sofrendo adaptações de acordo com a plataforma/suporte em que circulam. No entanto, os gêneros, segundo Marcuschi (2012), caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas particularidades linguísticas e estruturais. O autor salienta que quando ensinamos a operar um gênero textual, ensinamos um modo de atuação sociodiscursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual. Segundo os PCNs(2000), o trabalho com os gêneros também deve proporcionar o conhecimento da cultura de determinado grupo social e inclusive a reflexão sobre a variação linguística.

Não se pode esquecer, ainda, que um texto não é formado por uma única linguagem. Neles interagem diferentes sistemas significantes (semióticos) que confluem na produção dos sentidos. Angela Paiva Dionísio (2007, p. 178) assim argumenta sobre a multimodalidade:

[...] os gêneros textuais falados e escritos são também multimodais porque, quando falamos ou escrever um texto, usamos, no mínimo, dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografias, palavras e sorrisos, palavras e animações, etc.

Para que ocorra um trabalho eficiente na sala de aula, é importante que os professores trabalhem com gêneros textuais multimodais, fazendo referências e relacionando os tipos de gêneros, visto que estes são de circulação social e podem contribuir de maneira significativa na competência linguística dos alunos fora da sala de aula. Para comprovar essa suposição, trazemos a citação dos PCN do Ensino Médio (2000, p.8) que salientam que o estudo dos gêneros discursivos e dos modos como se articulam proporcionam uma visão ampla das possibilidades de uso da língua, ou seja, somente com o estudo e a reflexão sobre diversos gêneros textuais conseguiremos ter um estudo efetivo da língua que é tanto desejado nas escolas. Ainda cabe abordar que

Em uma situação de ensino, a análise da origem de gêneros e tempos, no campo artístico, permite abordar a criação das estéticas que refletem, no texto, o contexto do campo de produção, as escolhas estilísticas, marcadas de acordo com as lutas discursivas em jogo naquela época/local, ou seja, o caráter intertextual e intratextual. (PCN, 2000, p.8)

Tendo em vista as citações anteriores, é importante salientar que as OCNEM propõem que,

pode-se dizer que as ações realizadas na disciplina Língua Portuguesa, no contexto do ensino médio, devem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta. Isso implica tanto a ampliação contínua de saberes relativos à configuração, ao funcionamento e à circulação dos textos quanto ao desenvolvimento da capacidade de reflexão sistemática sobre a língua e a linguagem. (OCNEM, 2006, p.18)

Os documentos preveem o trabalho com gêneros textuais em sala de aula como forma de ampliar as competências discursivas dos alunos, para que estes possam aprender, compreender e produzir diversos gêneros em diversas situações de interação social. E com isso, “o aluno, ao compreender a linguagem como interação social, amplia o reconhecimento do outro e de si próprio aproximando-se cada vez mais do entendimento mútuo” (PCN, 2000, p.10). E pode-se incluir que o estudante aprenderá mais sobre a linguagem, as variações, a utilização e o funcionamento da língua dentro de determinado gênero, criado em determinada esfera social com determinado objetivo, analisando a especificidade do texto sem perder a visão do todo. Pois sabemos também que “toda língua é um patrimônio cultural, um bem coletivo” (PCN, 2000, p. 55); segundo o mesmo documento, ao se trabalhar com a linguagem é preciso trabalhá-la como constituidora de significados, conhecimentos e valores.

Sabemos que a escola tem a função de promover condições para que os alunos reflitam sobre os conhecimentos construídos ao longo de seu processo de socialização e possam agir sobre (e com) eles, transformando-os, continuamente, nas suas ações, conforme as demandas trazidas pelos espaços sociais em que atuam. Assim, se considerarmos que o papel da disciplina Língua Portuguesa é o de possibilitar, por procedimentos sistemáticos, o desenvolvimento das ações de produção de linguagem em diferentes situações de interação, abordagens interdisciplinares na prática da sala de aula são essenciais. (OCNEM, 2006, p.27)

E com isso, um trabalho com textos em sala de aula é um trabalho significativo. No momento que o aluno passa interagir com gêneros textuais diversificados e começa a pensar e refletir sobre usos e adequações linguísticas, torna-se desnecessário o trabalho com a classificação e descrição gramatical. A gramática passa a ser empregada na prática de uso, voltando-se para a compreensão e a produção de sentidos. Para finalizar essa reflexão é importante salientar que, de acordo com as OCNEM (2006, p. 29) “a escola que se pretende efetivamente inclusiva e aberta à diversidade não pode ater-se ao letramento da letra, mas deve, isso sim, abrir-se para os múltiplos letramentos, que, envolvendo uma enorme variação de mídias, constroem-se de forma multissemiótica e híbrida”. Nesse sentido, entram em cena os conceitos de letramento e multiletramentos, que serão abordados no capítulo que segue.

### 3 LETRAMENTO E MULTILETRAMENTOS: ABORDAGEM PANORÂMICA

Neste capítulo, procuramos estabelecer uma conceitualização de letramento e de multiletramento, a fim de relacioná-los às reflexões sobre o objeto de estudo/ensino de língua materna. Tomamos aqui como base as autoras Kleiman(2005), Soares(2004) e Rojo (2012) para fazer as devidas distinções. Iniciamos falando do letramento e seguimos, na segunda seção deste capítulo, em direção dos multiletramentos.

#### 3.1 Letramento

Muitas vezes, na história da educação, os termos letramento e alfabetização foram (e ainda são) confundidos. Soares (2004, p. 3) assim explica tal questão:

o despertar para a importância e necessidade de habilidades para o uso competente da leitura e da escrita tem sua origem vinculada à aprendizagem inicial da escrita, desenvolvendo-se basicamente a partir de um questionamento do conceito de alfabetização. Assim, ao contrário do que ocorre em países do Primeiro Mundo, como exemplificado com França e Estados Unidos, em que a aprendizagem inicial da leitura e da escrita – a alfabetização, para usar a palavra brasileira – mantém sua especificidade no contexto das discussões sobre problemas de domínio de habilidades de uso da leitura e da escrita – problemas de letramento –, no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem, freqüentemente se confundem. Esse enraizamento do conceito de letramento no conceito de alfabetização pode ser detectado tomando-se para análise fontes como os censos demográficos, a mídia, a produção acadêmica.

Para Soares (2004), letramento pode ser entendido como o estado ou condição que adquire o indivíduo que não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. Para a autora, alfabetização compreende a ação de ensinar ou aprender a ler e a escrever, e que um indivíduo que é alfabetizado pode não ser letrado, já que o alfabetizado é aquele que apenas lê e escreve e o sujeito letrado é aquele que vive em estado de letramento, ou seja, ele não só lê e escreve, mas utiliza a leitura e a escrita socialmente, pratica a leitura e a escrita e responde às demandas delas.

Esse processo pode ser simplificado ao afirmar que alfabetização envolve habilidades mecânicas e psicológicas, é um fato individual que consiste na decodificação de palavras, no reconhecimento fonético e morfológico (SOARES, 2004). Em contrapartida, o letramento é



“[...] o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência deter-se apropriado da escrita.” (SOARES, 2001 p.18). É considerado letrado o indivíduo que se apropria da leitura e da escrita e faz a sua utilização de maneira adequada nas práticas sociais (SOARES, 2004). Esses dois conceitos – alfabetização e letramento –, no entanto, não podem ser vistos de maneira separada, se levarmos em conta que os alunos precisam aprender a ler e a escrever com eficiência para, conseqüentemente, assumir uma postura de letrados e interagir na sociedade da qual fazem parte. E como sugere Soares (2004), o ideal seria se alfabetizássemos letrando.

Nessa linha, Kleiman (2005, p. 19) explica que “o letramento está relacionado com os usos da escrita em sociedade e com o impacto da língua escrita na vida moderna”. Também segundo Rojo, o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos. (ROJO, 2009). Todas as autoras convergem para a ideia de que o letramento visa à prática social. Angela Kleiman (2005, p. 18-19) define o letramento “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. O conceito de letramento surgiu para designar a condição ou estado que uma pessoa passa a ter após conhecer e interagir nas práticas sociais, conforme Soares (2004 p.19),

Etimologicamente, a palavra literacy vem do latim littera( letra) com sufixo -cy, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser. Literacy é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever. Implícita nesse conceito esta ideia de que a escrita as consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. Em outras palavras: do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever- alfabetizar-se, deixar de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado, adquirir a tecnologia do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita- tem consequências sobre o indivíduo, altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos. O estado ou a condição que o indivíduo ou grupo social passam a ter, sobre o impacto dessa mudança, é que é designado literacy.

O letramento é essencial na prática escolar, pois um aluno letrado será capaz de participar efetivamente de maneira autônoma em diferentes instituições e em diferentes contextos. O professor é responsável pela adequação dessa prática nos diferentes meios sociais. Deve-se enfatizar que a leitura não se detém apenas em saber ler e decodificar

palavras ou frases e sentenças, mas sim aprender a ler um gráfico, uma tabela, uma imagem, uma fotografia, um mapa, um texto não verbal etc. Esses textos aparecem em diferentes situações e suportes, como no celular, na placa de trânsito, no cardápio de um restaurante, em uma folha de jornal, em um papel impresso, em uma rede de internet, entre outros. Esses textos são chamados de textos multimodais ou textos multissemióticos. É preciso salientar que existe uma nova demanda de textos e mídias e, conseqüentemente, uma nova exigência para a formação de leitores e para isso torna-se necessário construir uma história de leitura valiosa e significativa na escola onde se deve oportunizar o contato com todas essas possibilidades de leitura.

As OCEM (2006) ressaltam que é através da interação nas diferentes instituições sociais que as pessoas aprendem as formas de funcionamento da língua e os modos de manifestações da linguagem ao participar dessas interações, gradativamente o sujeito vai construindo seus conhecimentos e tecendo reflexões e análises sobre os usos da língua e da linguagem.

Levando em consideração esses conceitos, percebemos a ineficiência das aulas tradicionais de gramática e a necessidade de que exista uma maior preocupação em desenvolver as práticas de letramento dentro da sala de aula, propiciando atividades de leitura, interpretação e produção dos mais diversos gêneros que permeiam as práticas sociais.

### **3.2 Multiletramentos**

O avanço das tecnologias trouxe modificações para as práticas de convívio social, além de facilitar o acesso à informação e criar novas possibilidades de expressão e de comunicação. Todos sabem que as mídias digitais mudam a formas de interação na sociedade e, muitas vezes, tornam público o que antes era particular. Hoje em dia, qualquer assunto vira notícia e ultrapassa as barreiras geográficas. Além disso, as novas mídias também trazem consigo novos códigos relacionados à comunicação/interação. Sabe-se que a leitura e a escrita fazem parte do contexto social. Com o avanço da tecnologia e a demanda de novas formas de leitura, o conceito “letramento” passou a ser usado, por muitos autores, no plural - “Letramentos”, pois os “letrados” necessitam de várias práticas, habilidades e competências para fazer o uso efetivo dessa palavra.

Nesse sentido, os letramentos exigidos nas práticas sociais passam a ser multiletramentos, envolvendo múltiplas e variadas linguagem e domínios de códigos próprios das tecnologias que permeiam as atividades humanas.

O termo multiletramento surgiu em 1996 por um grupo de pesquisadores do letramento que se reuniram por uma semana na cidade de Nova Londres para discutir questões pertinentes ao tema. Este grupo ficou conhecido como Grupo de Nova Londres (GNL) e eles propuseram que seria uma necessidade da escola trabalhar com os multiletramentos, levando em conta que os letramentos vividos na sociedade contemporânea tornaram-se múltiplos. O termo “múltiplos” seria tanto com relação à tecnologia da informação e da comunicação, que cada vez mais faz surgir os textos denominados multissemióticos ou multimodais, quanto com a diversidade cultural, denominado multiculturalismo. Por isso o grupo publicou um material com o título “A pedagogy of multiliteracies” traduzido como “A pedagogia dos multiletramentos”. Esta proposta visa ao trabalho com a diversidade cultural e as novidades tecnológicas presente nos dias atuais, também proporciona a autonomia na busca pelo saber e o desenvolvimento social e intelectual dos alunos. (ROJO e MOURA, 2012)

Portanto, o termo multiletramentos está ligado à multiplicidade cultural e semiótica que envolve as práticas sociais de letramento na atualidade (ROJO E MOURA, 2012). Para os autores, os multiletramentos semióticos estão relacionados à leitura e a produção de textos em diversas linguagens e semioses, já que todas essas múltiplas linguagens (oral, escrita, musical, imagética, etc.) fazem parte da exigência de textos contemporâneos.

Os multiletramentos podem ser classificados de duas maneiras conforme Rojo:

o conceito de **multiletramentos** – é bom enfatizar- aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presente em nossa sociedade, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais se informa e se comunica. (2012, p.13)

Percebe-se que os multiletramentos são textos de múltiplas linguagens e estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia. Para qualquer ação que desejamos fazer nas práticas sociais e também na vida cotidiana precisamos ser multiletrados e agir com desenvoltura na leitura e na compreensão dos diversos símbolos e códigos que aparecem em massa na nossa frente. Para Rojo (2012, p. 19), os multiletramentos são caracterizados como: a) interativos e

colaborativos; b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, especialmente as de propriedade; c) eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas). Por isso, o melhor lugar para os multiletramentos existirem é “nas nuvens”, tendo em vista toda a gama de possibilidades que as tecnologias nos oferecem para nos desenvolvermos e participarmos de todos os tipos de práticas sociais.

Vivemos em um mundo em que se espera (empregados, professores, cidadãos, dirigentes) que as pessoas saibam guiar suas próprias aprendizagens na direção do possível, do necessário, do desejável, que tenham autonomia e saibam buscar como e o que aprender, que tenham flexibilidade e consigam colaborar com urbanidade. (Rojo 2012 p.27)

Sendo assim, percebe-se que o avanço tecnológico transformou o nosso modo de ser e de interagir na sociedade e conseqüentemente os hábitos de ensinar e de aprender nas escolas deve ser reformulado. A produção do conhecimento deve ser realizada pela leitura, escrita e pela socialização de saberes, com vistas ao desenvolvimento dos letramentos e multiletramentos.

No próximo capítulo, buscamos elaborar uma proposta de plano de unidade com o propósito de inter-relacionar os preceitos teóricos até aqui discutidos com a prática da sala de aula.

## **4 PROPOSTA DE PLANO DE UNIDADE COM VISTA NOS LETRAMENTOS E NOS MULTILETRAMENTOS**

Levando em consideração as reflexões apresentadas anteriormente, nesse capítulo propõe-se um plano de unidade voltado para o primeiro ano do Ensino Médio, com a duração de 12 períodos e com o foco na abordagem da competência discursiva, envolvendo práticas de letramento e demultiletramentos na sala de aula, especificamente nas aulas de língua materna.

### **4.2 Plano de unidade**

O tema norteador deste plano de unidade é o homem e o mundo moderno. Tal temática foi selecionada pelo fato de tratar da influência tecnológica na vida cotidiana e principalmente para refletir sobre as formas de comunicação, expressão e de interação social através dos anos.

Os objetivos são: a) instigar a reflexão sobre o comportamento humano frente às novas tecnologias da informação e comunicação, oportunizando a construção do conhecimento através de análises, contextualizações, pesquisas, debates e mediações; b) conhecer a língua materna como meio de comunicação social, oportunizando momentos para que os alunos desenvolvam reflexões sobre os usos da língua nas diferentes esferas sociais a fim de ampliar os conhecimentos sobre a competência comunicativa e aplicá-la na vida cotidiana; c) praticar a autonomia na construção do conhecimento por meio de pesquisas tanto na internet como em materiais de circulação social, de debates em grupo e de explanação de ideias; d) proporcionar o contato e a reflexão sobre diferentes gêneros textuais, aperfeiçoando a leitura, a escrita, a oralidade; e) desenvolver trabalhos reflexivos e práticos relacionando conteúdos, conceitos e a interdisciplinaridade entre as áreas da linguagem para construir um projeto didático que leve em conta o protagonismo do aluno. f) utilizar a gramática praticando e exercitando a observação e reflexão a partir de leituras e produções textuais.

#### **4.2.1 Aula 1 – 2 períodos**

Os objetivos específicos desta aula são: instigar os alunos para o plano de unidade; elaborar um levantamento de dados para que seja possível iniciar a discussão sobre o tema do plano de unidade; divulgar o blog da turma; discutir e argumentar sobre os meios tecnológicos; desenvolver o pensamento crítico dos estudantes; ler, interpretar e compreender o gênero textual que será explorado.


A primeira atividade acontecerá no laboratório de informática. Primeiramente a professora apresentará a proposta do plano de unidade e o tema do plano “O homem e o mundo moderno”, explicitando uma visão geral do trabalho para que os alunos tomem conhecimento do que irão trabalhar nas próximas aulas. Na sequência, a professora apresentará o blog que foi criado especialmente para expor os trabalhos que serão realizados dentro do plano de unidade (arquivo de textos, fotos, vídeos e produções dos alunos). O blog terá o título do projeto e a primeira atividade que os alunos desenvolverão nessa plataforma é o preenchimento de um formulário elaborado previamente pela professora utilizando o Google Drive Formulários. O formulário conterá questões pertinentes para um levantamento de dados que fomentará um debate sobre a utilização dos meios tecnológicos na vida dos estudantes.

Imagem 1 – Formulário de perguntas

**O HOMEM E O MUNDO MODERNO**

Os computadores, os smartphones, os tablets, entre outros, incluindo as ferramentas como a internet estão cada vez mais presentes nos processos de ensino e de aprendizagem. Para isso, responda as seguintes questões a fim de organizar os nossos debates sobre a tecnologia na sociedade.

**Tecnologia na sala de aula**



Quais aparelhos tecnológicos você usa diariamente?

celular

computador

tablet

smartphone

notebook

Outro: \_\_\_\_\_

Com que frequência você utiliza?

todos os dias

três vezes por semana

nunca

Você utiliza a tecnologia para...

pesquisar

acessar a rede social

estudar

assistir séries


ler

ouvir e baixar músicas

Outro: \_\_\_\_\_

Você considera importante utilizar as tecnologias na sala de aula? Por que?

Sua resposta



**Tecnologia Educacional**

Nunca envie senhas pelo Formulário Google.

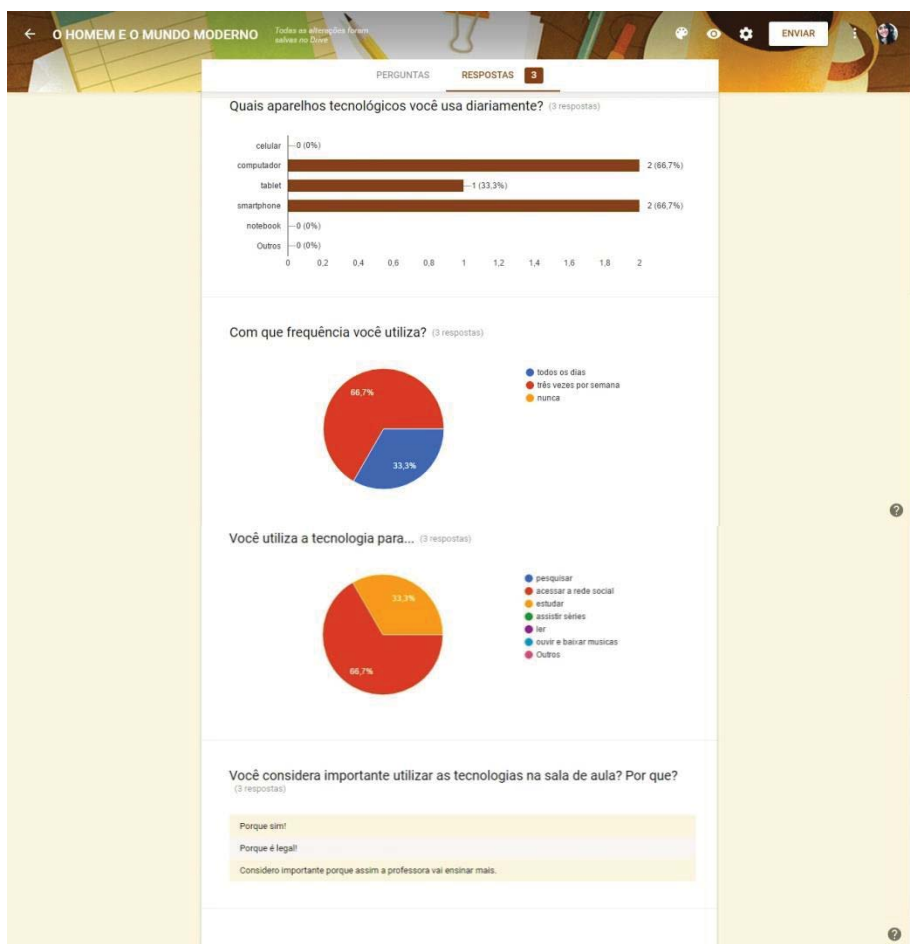
Relatar um problema ao Google

Fonte: Google Formulários, 2016

Após o preenchimento do formulário, automaticamente a professora receberá um resumo das questões em forma de gráfico e poderá analisar e debater com os alunos a porcentagem das respostas, bem como explorar essa ferramenta para fazer a leitura e uma análise

do gráfico apresentado. O professor poderá intervir questionando os alunos sobre a função do gráfico e realizando a leitura das imagens, pois como dito anteriormente, a leitura deve ser feita em todos os lugares de todas as maneiras assim cada gênero textual organiza-se de uma forma, possui um estilo composicional e exerce uma função comunicativa e para saber disso precisamos conhecer e ter contato com os diversos gêneros textuais que circulam na sociedade.

Imagem 2 – Formulário de respostas



Fonte: Google Formulários, 2016

Na sequência da aula, a professora levará os alunos para a sala de aula e trabalhará com a crônica *Invólucros* do Luís Fernando Veríssimo. Inicialmente, poderá fazer um levantamento de hipóteses a partir de uma análise feita do título, e também uma reflexão inicial sobre a temática central do texto, perguntando aos estudantes: O que podemos perceber sobre a estrutura desse gênero textual? Em que meio a veiculação desse gênero é mais



comum? Somos todos iguais? As nossas particularidades nos definem? Qual é a principal característica que nos distingue um dos outros? A discussão inicial sobre o texto, a fim de levantar ideias, é essencial para que os alunos comecem a olhar o texto como um todo e a criar hipóteses que posteriormente podem ou não serem confirmadas.

INVÓLUCROS	
	Luís Fernando Veríssimo
1	Telefones celulares, agendas eletrônicas e computadores portáteis cada vez
2	mais compactos, e portanto com teclas cada vez menores, pressupõem usuários
3	com dedos finos. Se vale a teoria da seleção natural de Darwin, as pessoas com
4	dedos grossos se tornarão obsoletas, não se adaptarão ao mundo da
5	microtecnologia e logo desaparecerão. E os dedos finos dominarão a Terra. Há
6	quem diga que, como os miniteclados impossibilitam a datilografia tradicional e,
7	com o advento das calculadoras, os cinco dedos em cada mão perderam a sua
8	outra utilidade prática, que era ajudar a contar até dez, os humanos do futuro
9	nascerão só com três dedos em cada mão: o indicador para digitar (e para indicar,
10	claro), o dedão opositor para poder segurar as coisas e o mindinho para limpar o
11	ouvido.
12	
13	Outra inevitável evolução humana será a pessoa já nascer com um dispositivo
14	— talvez um dente adicional, cuneiforme, na frente — para desembulhar CDs e
15	outras coisas envoltas em celofane, como quase tudo hoje em dia. E fiquei
16	pensando no enorme aperfeiçoamento que seria se as próprias pessoas viessem
17	envoltas numa espécie celofane em vez de pele. Imagine as vantagens que isto
18	traria.
19	
20	No lugar de derme e epiderme, uma pele transparente que permitisse enxergar
21	todos os nossos órgãos internos, tornando dispensáveis o raio X e outras formas
22	de nos ver por dentro. Bastaria o paciente tirar a roupa para o médico olhar
23	através da sua pele e dar o diagnóstico, sem precisar apalpar ou pedir exames.
24	
25	Está certo, seríamos horrorosos. Em compensação, a pele transparente seria um
26	grande equalizador social. "Beleza interior" adquiriria um novo sentido e
27	ninguém seria muito mais bonito que ninguém, embora alguns pudessem ostentar

28	um baço mais bem acabado ou um intestino delgado mais estético, e o corpo de
29	mulheres com pouca roupa ainda continuasse a receber elogios ("Que vesícula!").
30	
31	Acabaria a inveja que as mulheres têm, uma da pele das outras, e a conseqüente
32	necessidade de peelings, liftings, botox, etc. E como todas as peles teriam a
33	mesma cor — cor nenhuma — estaria provado que somos todos iguais sob os
34	nossos invólucros, e não existiria racismo. Fica a sugestão, para quando nos
35	redesenharemos.

Após a leitura silenciosa do texto, a professora lerá em voz alta e na sequência fará a compreensão oral do texto: Pelas características do texto, a que gênero textual ele pertence? R: Crônica. b) Qual é o meio mais comum onde textos assim são veiculados? R: Jornais e blogs. c) Quem é o autor? Você já o conhecia ou ouviu falar dele? R: Luís Fernando Veríssimo – Motivar o aluno a falar o que sabem sobre o autor e posteriormente apresentar mais informações sobre ele.

Na sequência a professora entregará uma folha xerografada com algumas atividades a serem respondidas na sala de aula. As questões estarão dispostas nessa ordem, de modo a desenvolver uma gradação no nível de aprofundamento e dificuldade. E também contarão com o estudo e a análise do efeito de sentido a partir da utilização da língua dentro do texto.

### **Questões de compreensão e interpretação:**

a) O assunto de uma crônica é sempre um fato do cotidiano. No caso desse texto em específico, que acontecimento é esse?

*R: O texto fala da evolução da tecnologia e da necessidade de adaptação do homem a ela.*

b) A evolução tecnológica é um fator que estamos observando dia após dia, e como consequência está interferindo no comportamento humano. Como isso é descrito no texto? Comprove com fragmentos retirados do texto.

*R: O autor faz uma relação que estamos nos acostumando com um mundo digitalizado e cheio de aparências, uma crítica forte a real situação da sociedade. “E fiquei pensando no enorme aperfeiçoamento que seria se as próprias pessoas viessem envoltas numa espécie celofane em vez de pele.” “Em compensação, a pele transparente seria um grande equalizador social.”*

c) Qual o sentido construído da palavra invólucros a partir da leitura e compreensão do texto?

*R: Invólucro pode significar encobrir-se/envolver-se com algo.*

d) O estrangeirismo é um fenômeno linguístico que consiste no uso “emprestado” de uma palavra, expressão ou construção frasal estrangeira, em substituição de um termo na língua nativa. Há algumas palavras estrangeiras no texto? Identifique e diga qual é o significado.

*R: Temos várias palavras da língua estrangeira que já fazem parte do nosso vocabulário, por exemplo: peelings, liftings e botox, são palavras que servem para designar procedimentos de beleza.*

e) O texto, no quarto parágrafo, menciona a possibilidade de valorização da beleza interior. Quando as pessoas usam essa expressão (beleza interior), normalmente a que se referem?

E de acordo com o texto, qual o sentido da expressão ‘beleza interior’?

*R. Referem-se aquilo que somos internamente, nosso caráter, a forma de agir em sociedade e nas relações com as pessoas. E esse novo sentido pode ser entendido como algo literal, no que se refere a olhar o que realmente temos dentro de nós: órgãos, sangue, músculos e por conseguinte, nos tornam todos iguais. Afinal, ainda hoje em sociedade, o enaltecimento para padrões de beleza e estética é muito grande e este gera discriminação e preconceito entre as pessoas. E a sugestão de sermos "transparentes" seria uma grande equalizadora social.*

### **Questões de análise textual:**

a) A expressão “Beleza interior” na linha 24 está entre aspas. Explique o motivo do uso de aspas no texto. O que a expressão pode representar em outras palavras?

*R: A expressão está entre aspas para indicar que é uma fala utilizada por outras pessoas, ou seja, o autor se apropriou dessa expressão para compor o texto. A palavra pode representar beleza verdadeira.*

b) Qual é a função do travessão na linha 13-14? É a mesma função da linha 32?

*R: A função do travessão é acrescentar uma informação acessória que não estaria na linearidade do texto, neste caso, eles estão sendo usados para incluir informações extras no texto que auxiliam o leitor para a compreensão integral. Nas duas linhas o travessão exerce a mesma função.*

c) Existem várias palavras na nossa língua porém, sabemos que não existem sinônimos perfeitos mas que podemos utilizar outros termos que se aproximam do sentido estabelecido originalmente. Sendo assim, nas frases a seguir, substitua os termos sublinhados por outros que também possam ser utilizados.

1. “Está certo, seríamos horrorosos” (linha 23) *R: ridículos, feiosos.*

2. “Outra inevitável evolução humana será a pessoa já nascer com um dispositivo” (linha 12).  
*R: implacável, irremediável, impreterível, infalível, fatal, decisivo, inexorável, invencível.*

3. “Fica a sugestão, para quando nos redesenharem” (Linha 33) *R: refazerem, recriarem.*

4. “as pessoas com dedos grossos se tornarão obsoletas” (Linhas 3 e 4) *R: descartável, sem serventia.*

d) Na elaboração dos textos, a fim de eliminar a repetição, temos a oportunidade de usar outras palavras para retomar o que foi dito anteriormente ou para anunciar um termo que está por vir, sendo assim, identifique a palavra ou expressão a qual se refere: -“Isto”, linha 16:

*R: Retoma a ideia de as pessoas estarem envoltas de um papel celofane.*

#### **4.2.2 Aula 2 – 2 períodos**

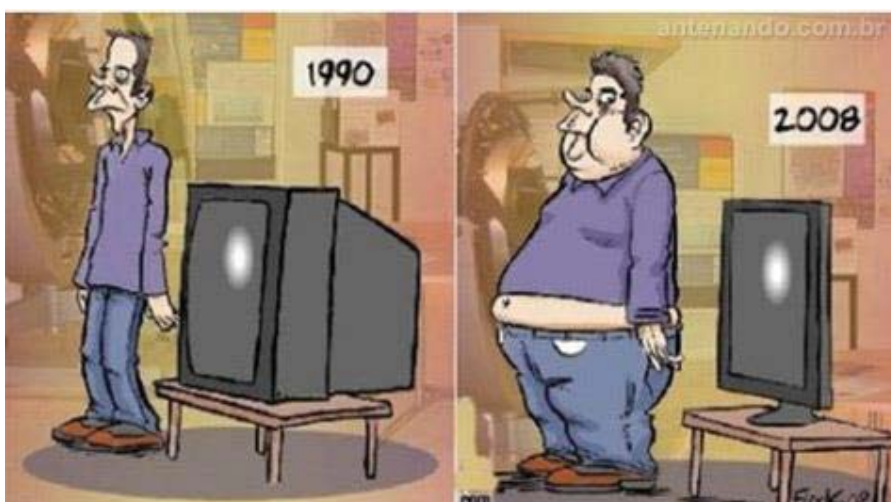
Os objetivos desta aula são: corrigir as atividades propostas na aula anterior; conhecer mais gêneros textuais e relacioná-los com o tema que está sendo desenvolvido; proporcionar o debate de ideias e a explanação de conceitos fazendo referência e levando em consideração os conhecimentos prévios dos alunos; adquirir habilidades para sistematizar ideias e expressar-se oralmente.

A aula iniciará com a correção das questões propostas na aula 1. Na sequência, os alunos serão organizados em oito grupos. Cada grupo receberá uma imagem impressa ou uma página de uma revista e terá de analisar o gênero textual, dizendo qual a função primordial do gênero em pauta e qual a relação do texto em mãos com a temática do plano de unidade.

Os textos serão os seguintes:

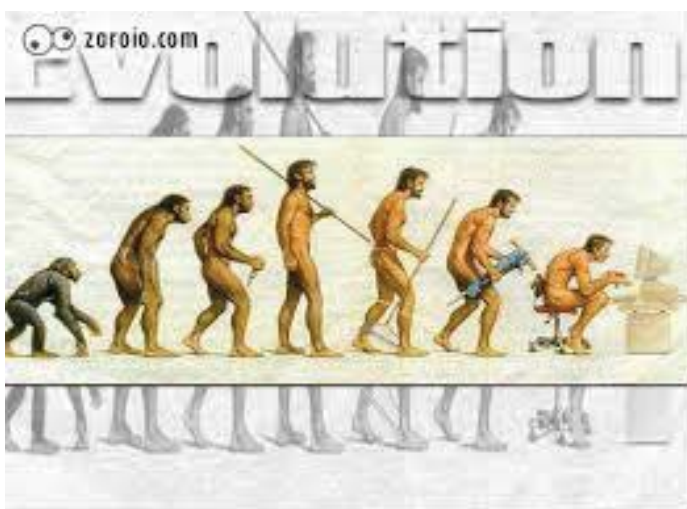
- a) Charges sobre tecnologias (internet)

Imagem 3 – A evolução da televisão e do homem.



Fonte: Novas tecnologias e comunicação, 2011

Imagem 4: A evolução humana



Fonte: Colégioweb, 2012

- b) Reportagem sobre o celular fazendo referência e divulgação da série Black Mirror

Imagem 5: Tem algo (muito) errado no seu celular



Fonte: RevistaSuper interessante, 2016

- c) Anúncio publicitário sobre o novo notebook transformista

Imagem 6: Notebook transformista



Fonte: Revista Super interessante, 2016



- d) Infográfico sobre um jogo chamado Deus EX, relacionando com o futuro do corpo humano

Imagem 7: Deus EX e o futuro do corpo humano

**XIS TUDO GAMES**

texto Henrique Sampaio  
design Yasmin Ayumi  
edição Felipe van Deursen

## DEUS EX E O FUTURO DO CORPO HUMANO

*Mankind Divided*, novo capítulo do jogo *Deus Ex*, se passa em 2029, numa sociedade dividida entre aqueles com implantes biomecânicos e aqueles sem. Apesar da liberdade criativa, o jogo foi moldado a partir da relação atual entre humanos e tecnologia. Veja mais:

O especialista em segurança Adam Jensen, dotado de membros biomecânicos e implantes cibernéticos, é o astro do jogo

**OLHOS**

**NO JOGO:** Informações sobre os ambientes aparecem no campo de visão

**NA VIDA:** O deficiente visual Neil Harbisson tem uma antena instalada no crânio, que capta frequências de cores e as transforma em vibrações sonoras que o permitem "ouvi-las"

**CÉREBRO**

**NO JOGO:** Adam tem um chip capaz de se comunicar com dispositivos eletrônicos a distância

**NA VIDA:** Biohackers estão implantando chips sob a pele, que podem ser programados para funções como monitorar sinais vitais

**BRAÇOS**

**NO JOGO:** As lâminas de nanocerâmica permitem golpes bem fortes

**NA VIDA:** Próteses ultratecnológicas já existem. O inglês James Young tem um braço biônico que lhe devolveu a mobilidade e ainda tem entradas USB e um drone no ombro!

*Deus Ex: Mankind Divided* está previsto para 23/8 para PC, PS4 e Xbox One

GO ME • AGOSTO 2016

e) Seção de perguntas e respostas explicando para onde vão os vídeos do snapchat<sup>1</sup>

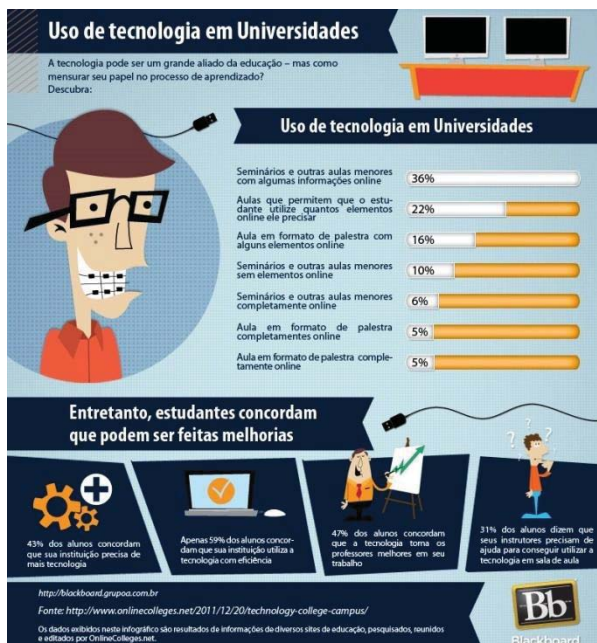
Imagem 8: Para onde vão os vídeos do Snapchat depois que se apagam?



Fonte: Revista Mundo Estranho, 2016

f) Infográfico sobre tecnologia

Imagem 9: Uso de tecnologia em Universidade



Fonte: Pinterest, 2012

<sup>1</sup>Snapchat: é uma rede social de mensagens instantâneas.



Imagem 10: O tablet vai às aulas



Fonte: Porvir, 2014

Após quinze minutos de análise, a professora utilizará o datashow para projetar as imagens na parede e cada grupo terá no máximo cinco minutos para falar sobre o gênero textual que recebeu e explicar a ligação dele com a temática que estão trabalhando. A última imagem apresentada será do infográfico, e nesse momento a professora apresentará o gênero para os estudantes, comentando as suas características e explicará que este é um gênero textual híbrido, pois mistura linguagem verbal e não verbal, que ele contém pouco texto e dá ênfase a gráficos e imagens.

Após essa pequena análise, cada grupo deverá responder algumas questões em forma de parágrafo-padrão referente ao gênero textual que eles apresentaram. A professora colocará as perguntas no quadro e os alunos terão de formular em conjunto as respostas. As perguntas norteadoras serão as seguintes:

a) Qual gênero textual está sendo utilizado? Como esse gênero se organiza composicionalmente e esteticamente?

b) Do que o texto estudado trata? Qual a temática?

c) Qual a relação do tema com o assunto tecnológico que estamos discutindo nas aulas?

Para a elaboração do parágrafo a professora ficará circulando nos grupos e auxiliando os alunos com relação à escrita, visto que, os alunos já leram o gênero e produziram o discurso oral, mas agora precisam expressar as suas ideias nas palavras, levando em conta a coerência e a coesão textual. É importante a realização desse trabalho em grupo para fomentar o debate, a discussão e para todos ajudarem na produção escrita, visto que os alunos já possuem conhecimentos sobre a língua e precisam refletir sobre ela para utilizar os termos adequados para representar as ideias. No momento em que surgir alguma dúvida com relação à escrita ortográfica ou sintática a professora pode intervir e auxiliar individualmente, explicando e marcando no caderno para o aluno visualizar e corrigir, ou expor no quadro se a dúvida for de todos.

Após essa aula, todas as imagens serão disponibilizadas no blog da turma e o debate sobre elas deverá ser feito virtualmente em casa, cada grupo deverá postar o parágrafo que construiu sobre a imagem e se possível comentar a postagem dos outros colegas. A professora acessará o blog para conferir se a atividade foi realizada e também para contribuir com mais informações, deixando perguntas e espaços para que os alunos possam escrever.

### **4.2.3 Aula 3 – 1 período**

Os objetivos desta aula são: discutir sobre a experiência de comentar no blog e utilizar as ferramentas tecnológicas para o aprendizado; conhecer a música como gênero textual; identificar elementos textuais que auxiliam na compreensão e na interpretação textual; relacionar diferentes gêneros textuais de acordo com a temática que cada texto aborda.

Inicialmente a professora questionará os alunos sobre a realização da tarefa solicitada na última aula e verificará se todos participaram com o debate que foi proporcionado no blog. Todos deverão falar e contribuir com informações propícias para a aula.

A professora pedirá para que os alunos assistam ao vídeo Admirável Chip Novo da cantora Pitty que será disponibilizado no blog, e também poderá ser acessado no endereço

[:https://www.youtube.com/watch?v=uDwa25aSNvY](https://www.youtube.com/watch?v=uDwa25aSNvY).A letra da canção fala sobre alguém "robotizado" e que opera por meio de "sistemas", incorporando a tecnologia tão presente na vida das pessoas.

### **Admirável Chip Novo – Pitty**

Pane no sistema, alguém me desconfigurou

Aonde estão meus olhos de robô?

Eu não sabia, eu não tinha percebido

Eu sempre achei que era vivo

Parafuso e fluido em lugar de articulação

Até achava que aqui batia um coração

Nada é orgânico, é tudo programado

E eu achando que tinha me libertado

Mas lá vêm eles novamente, eu sei o que vão fazer

Reinstalar o sistema

Pense, fale, compre, beba

Leia, vote, não se esqueça

Use, seja, ouça, diga

Tenha, more, gaste, viva

Pense, fale, compre, beba

Leia, vote, não se esqueça

Use, seja, ouça, diga

Não, senhor, sim, senhor

Não, senhor, sim, senhor

Reinstalar o sistema

A aula prosseguirá com a discussão sobre o tema da música que os alunos ouviram previamente, relacionando a música com o tema do projeto e fazendo referências para que os alunos relacionem o diálogo que ocorre entre os diferentes gêneros textuais. Nesse momento é

importante que a professora faça uma retrospectiva e relembre todos os gêneros textuais já trabalhados. Posteriormente, os alunos ouvirão a letra da música e farão uma interpretação oral sobre a mesma. As questões de interpretação, compreensão e estudo de vocabulário serão organizadas oralmente pela professora, instigando os alunos para que eles também elaborem. Algumas questões podem ser: a) Vocês já ouviram essa música antes? Conhecem a cantora? b) Que gênero textual é esse? Como ele se organiza? c) Podemos perceber métrica, ritmo e rima nessa música? d) Qual é o assunto da música? e) Esse assunto tem relação com a temática que estamos trabalhando? Em que sentido?

No final da análise, a professora solicitará para que cada aluno escreva em seu caderno, individualmente, um parágrafo sobre o que foi visto em aula, esse parágrafo será revisado e reescrito conforme a necessidade dos alunos, pois é no momento da escrita dos alunos que deve vir a intervenção da professora de língua materna, orientando e esclarecendo as possíveis dúvidas dos alunos durante a produção.

Com essa metodologia é possível que os alunos percebam por si próprios as possibilidades que o texto pode proporcionar e conseqüentemente eles aprenderão a olhar o texto com outros olhos, podendo relacionar com outros temas e fazendo seu próprio método de estudo.

#### **4.2.4 Aula 4 – 2 períodos**

Os objetivos dessa aula são: conhecer a série Black Mirror; assistir e refletir sobre o episódio apresentado; analisar o enredo da história.

No primeiro período a professora passará, com a utilização do datashow, para os alunos, um episódio da série Black Mirror. O trailer está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jROLrhQkK78>. O conteúdo desta série já foi explorado no segundo dia de aula, num dos gêneros explorados por um dos grupos, mas a professora precisa lembrar e explicar novamente a contextualização e o objetivo desse seriado, bem como enfatizar a relação que ele tem com a temática que está sendo trabalhada em sala de aula. Black Mirror é uma aclamada série da televisão britânica antológica criada por Charlie Brooker, que apresenta ficção especulativa com temas sombrios e às vezes satíricos que examinam a sociedade moderna, especialmente no que diz respeito às conseqüências

imprevistas das novas tecnologias. O episódio selecionado é o 2º da 2ª, com o nome “White Bear” com a sinopse: Compartilhar mais se conectar mais, experimentar mais e aprender mais. Nesse episódio a tecnologia pode se tornar a melhor aliada e ao mesmo tempo é apresentada como uma arma de dominação absoluta, dessa maneira, esse episódio fomentará as discussões acerca da tecnologia e o quanto nos tornamos reféns dela.

Após o episódio os alunos farão um debate sobre o que acharam do episódio: com o que concordam, com o que não concordam, o que pensam sobre essas questões, entre outros. A finalidade desse fechamento é trabalhar com a discussão, com o posicionamento de ideias e com a argumentação sobre o tema, enfatizando pontos em comum entre ele e entre os outros gêneros textuais já trabalhados.

#### 4.2.5 Aula 5 – 2 períodos

Os objetivos dessa aula são: sensibilizar os alunos para o trabalho com a literatura; tomar gosto pela leitura através de sentimentos e experiências; ouvir e analisar podcast<sup>2</sup>; compreender o contexto de uma história e saber contextualizá-la.

Para dar início à aula, far-se-á uma dinâmica motivacional fazendo referência aos gêneros textuais com que os alunos tiveram contato previamente. Para a execução da dinâmica, solicita-se que três alunos se disponibilizem a sentar em três cadeiras previamente organizadas com fitas e faixas, a fim de amarrar e vendar os alunos. Na sequência, com um rádio, a professora executará o som de alguns podcast para que sejam ouvidos por todos. Os podcast terão barulhos de motor, cidade movimentada e frases de pessoas pedindo ajuda, pois não conseguem “se libertar”. Na sequência, a professora apaga a luz e começa a narração de um trecho do conto Embargo, de José Saramago. A atividade poderá ser fotografada para anexar nas atividades do blog.

Trecho escolhido:

"Desligou o motor, tirou a chave e abriu a porta. Não foi capaz de sair. Julgou que a aba do casaco se prendera, que a perna ficara entalada na coluna do volante, e fez outro movimento. Ainda procurou o cinto de segurança, a ver se o colocara sem dar por isso. Não.

---

<sup>2</sup>Podcast: É um conteúdo de mídia de transmissão de informações (geralmente audio) transmitido via RSS.

O cinto estava pendurado ao lado, tripa negra e mole. Disparate, pensou. Devo estar doente. Podia mexer livremente os braços e as pernas, flexionar ligeiramente o tronco consoante às manobras, olhar para trás, debruçar-se um pouco para a direita, mas as costas aderiram ao encosto do banco. Não rigidamente, mas como um membro adere ao corpo. Acendeu um cigarro, e de repente preocupou-se com o que diria ao patrão o visse ali sentado, dentro do carro, a fumar, sem nenhuma pressa de sair. Um toque violento de buzina o fez fechar a porta, que abrira para a rua. Quando o outro carro passou, deixou descair lentamente a porta outra vez, atirou o cigarro fora e, segurando-se as mãos ambas ao volante, fez um movimento brusco, violento. Inútil. Nem sequer sentiu dores. O encosto do banco segurou-o docemente e manteve-o preso. Que era isto que estava a acontecer? Puxou para baixo retrovisor e olhou-se. Nenhuma diferença no rosto. Apenas uma aflição imprecisa que mal se dominava."

Após a leitura do trecho, os alunos poderão compartilhar o que sentiram ao ouvir a narração e tentar construir ligações com o que vem sendo discutido nas etapas anteriores. Na atividade a professora pode questionar os alunos que estavam amarrados, refletindo sobre: o que vocês sentiram quando estavam amarrados? Como vocês se sentem agora? O que podemos pensar sobre essa dinâmica? Se percebermos o texto metaforicamente, o que o banco do carro simboliza nas nossas vidas? Quando utilizamos os meios tecnológicos nos sentimos limitados e presos? Se tivéssemos de viver sem tecnologia (smartphone, celular, computador) sobreviveríamos? Somos dependentes dos meios tecnológicos, em que sentido? Vocês costumam conversar mais virtualmente ou presencialmente? Entre outras perguntas. O propósito dessa atividade é fazer com que os alunos percebam o quanto, muitas vezes, somos vítimas das tecnologias e não conseguimos viver além daquilo e nem parar para pensar no mal que isso está nos causando quando utilizamos sem moderação.

Na sequência, convidar os estudantes para ler o conto, fazendo uma breve apresentação do autor, José Saramago. Em seguida, solicitar a leitura da obra. Encaminhar junto à leitura um roteiro, analisando o conto como um todo.<sup>3</sup>

#### **Roteiro de Leitura:**

Ao realizar a leitura do conto *Embargo*, de José Saramago, identifique e registre as informações abaixo:

---

<sup>3</sup>Observação: Pressupõe-se que os estudantes já saibam identificar e caracterizar os itens elencados abaixo

- **Temática:** qual é o tema central?
- **Tempo:** como se dá a ordem de acontecimentos da história?
- **Espaço:** onde se dá o desenvolvimento da história?
- **Enredo:** um breve resumo da história no geral
- **Personagem principal:** quem é o personagem principal e como ele se comporta no decorrer da história? Como ele se relaciona com os outros personagens?

A turma será dividida em grupos e cada grupo terá de focar em uma parte do roteiro, por exemplo: o grupo 1 ficará responsável por escrever sobre a temática do conto; o grupo 2 sobre o tempo em que a narração da história acontece; e assim por diante. A professora auxiliará os alunos na produção do texto e no debate de ideias, a fim de ajudá-los na organização gramatical, na pontuação, na ortografia, na coesão e na coerência textual. Após essa análise e produção escrita, os alunos poderão utilizar seus computadores para criar slides com imagens e palavras chaves, aprendendo a utilizar o powerpoint para organizar o debate que será orientado na sequência. Concluída essa atividade, os alunos e a professora organizar-se-ão em círculo para apresentar os tópicos relacionados à obra literária. Após a apresentação, cada parte do roteiro deverá ser digitada e inserida no blog, juntamente com a apreciação da obra por cada aluno em forma de comentário.

#### 4.2.6 Aula 6 – 2 períodos

Os objetivos dessa aula são: conhecer a funcionalidade das ferramentas textuais e como elas podem ser úteis na elaboração de atividades escolares; aprender a pesquisar, selecionar e filtrar informações nas redes; sistematizar ideias; produzir um infográfico.

A professora levará os alunos para o laboratório de informática e fará um breve comentário, contextualizando os textos apresentados nas últimas aulas, pois esses possuem em comum diversos aspectos. O que se quer evidenciar é o tema, a questão da tecnologia cada vez mais presente na vida das pessoas, e por conseguinte, a influência desta sobre a forma de sermos, pensarmos e agirmos. No conto de Saramago, a crítica é feita à globalização em geral, exemplificando a dependência humana dando vida própria a um automóvel que acaba

controlando a vida do protagonista. Em *Invólucros*, texto de Veríssimo, temos uma crítica mais específica aos meios tecnológicos portáteis e a forma que o uso deles em grande escala, influencia as pessoas. A proposta, então, é que, em pequenos grupos, realize-se uma pesquisa de dados e informações acerca de um dos temas abaixo. O resultado da pesquisa deverá ser elaborado e divulgado em forma de um infográfico.

**Possíveis temas centrais:**

**Evolução dos meios de comunicação (forma, modelos):** Como eram? Como são utilizados nos dias atuais? Quais são suas reais funções atualmente?

**Aumento no uso da internet e das redes sociais:** Como se deu o processo? Como são utilizados nos dias atuais? Qual é o nível de importância para os seus usuários? Como se manifestam e influenciam a vida das pessoas?

**Difusão de campanhas acerca da desconstrução de padrões de beleza:** Como a imposição de padrões aos poucos foram se modificando? Influenciadas por quem? Quais os motivos reais? De que forma as pessoas demonstram preocupar-se em quebrar certos tabus da sociedade? Qual a relevância da internet nesse sentido?

Para a produção do infográfico, os estudantes poderão utilizar aplicativos online, nos quais há uma grande diversidade de ferramentas para auxiliar na elaboração do trabalho. Seguem algumas opções: Piktochart; Visual.ly; Fluxvfx; ManyEyes; Visualize.me.

Para a finalização da atividade, cada grupo deverá organizar, para a próxima aula (aula 7), materiais sobre o tema que estão pesquisando para fazer uma exposição dos mesmos para os outros alunos do ensino médio. Na oportunidade, os alunos apresentar-se-ão em tendinhas e distribuirão, em material xerografado, os infográficos que elaboraram. Para que essa atividade aconteça de maneira produtiva, os alunos precisarão ter um planejamento prévio, muita organização e autonomia. A professora poderá ajudá-los nas dificuldades e será a responsável por preparar e ensaiar a fala oral para que eles possam contextualizar e apresentar o tema que estavam pesquisando.



#### 4.2.7 Aula 7 – 1 período

Os objetivos dessa aula são: socializar as experiências adquiridas e o material elaborado; reconhecer a importância e as consequências que as tecnologias trouxeram para a nossa vida; incentivar os alunos a utilizarem recursos tecnológicos para a sua aprendizagem e para o registro de momentos importantes.

Esta aula será a atividade culminante do plano de unidade as tarefas projetadas são: a) a divulgação do blog dos alunos para a comunidade escolar; b) exposição dos trabalhos realizados para que todas as turmas do ensino médio possam visitar; c) confraternização de encerramento.

Para a atividade final, alguns alunos ficarão responsáveis por elaborar pequenos vídeos da confraternização, coletar entrevistas dos visitantes e tirar fotos dos trabalhos e da turma para que posteriormente possam postar no blog da turma.

Enfim, acredita-se que o plano de unidade ora proposto pode contribuir para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos e para o trabalho com letramentos e multiletramentos. Além disso, durante o plano de unidade, visou-se a exploração das competências de leitura, interpretação de textos verbais e não verbais e do trabalho com diferentes gêneros (crônica, letra de música, videoclipe, gráfico, infográfico), incluindo o debate, a expressão oral e escrita dos alunos e a utilização das ferramentas tecnológicas para auxiliar na construção do conhecimento e na organização das ideias. Esse planejamento teve como foco o trabalho com a linguagem em situações reais de interação, promovendo o estímulo e a motivação dos alunos para a participação nos debates e nas produções orais e escritas e principalmente, criando espaço para o trabalho com a interdisciplinaridade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho monográfico teve como tema central o ensino de língua materna nas escolas, especificamente nas aulas do primeiro ano do Ensino Médio, tendo em vista a dificuldade apresentada pelos alunos, após anos de escolarização, no momento de ler, interpretar, compreender e produzir textos na esfera social. O objetivo da monografia era apresentar uma proposta de plano de unidade voltada para o trabalho com o letramento e o multiletramento, a fim de desenvolver a competência discursiva dos alunos para a construção da aprendizagem.

O primeiro capítulo constituiu a introdução onde apresentamos a problemática que envolve o tema, as questões norteadoras do estudo e o objetivo geral deste estudo. O segundo capítulo apresentou discussões e informações sobre o ensino de língua materna nas escolas, mostrando que muitas vezes as aulas são voltadas somente para a memorização de nomenclaturas e para a classificação de palavras e sentenças, atividades essas que não auxiliam e não aperfeiçoam a competência discursiva dos alunos e tampouco proporcionam interação a partir da língua em uso. No final do capítulo, ressaltou-se, nesse sentido, a importância do trabalho com diversos gêneros textuais nas aulas de língua materna. O terceiro capítulo tratou do conceito e da história do letramento e do multiletramento, explicando os termos e relacionando-os com as reflexões sobre objetos de estudo/ensino de língua na escola. Por fim, organizamos o quarto capítulo em formato de plano de unidade com a temática “O homem e o mundo moderno”, buscando inter-relacionar e aplicar, de forma prática, proposições teóricas sobre ensino de língua, letramentos e multiletramentos. O plano proposto visa ao trabalho com a leitura, a interpretação e a produção textual (oral e escrita), mediado pelo uso de tecnologias, oportunizando inclusive, durante aulas, práticas de interação e troca de ideias, fortalecendo a expressão dos alunos, tanto oral quanto escrita.

Reconhecemos a importância das aulas de língua materna para o desenvolvimento intelectual dos alunos e para as práticas de letramento e, para isso, um bom planejamento deve levar em conta o nível de aprendizagem e de interesse dos alunos, incluindo a flexibilidade e a necessidade de adaptação de acordo com o desenvolvimento das atividades. O professor, nesse caso, precisa deixar de lado a gramática tradicional, que visa somente a classificação de fatos da língua (estruturas), e proporcionar um trabalho real com a língua em uso, a língua enquanto instrumento de produção discursiva/textual. Para isso, o professor precisa exercer autonomia para planejar e pode, inclusive, utilizar as tecnologias digitais em prol do

aprendizado. Sabe-se que a maioria dos alunos são nativos digitais e estão o tempo todo conectados, a internet é uma grande auxiliadora no quesito de informação, e a utilização desse recurso pode favorecer o aprendizado, cabe ao professor proporcionar essa prática e mudar a postura de detentor do conhecimento para mediador.

A partir das atividades de pesquisa os alunos tornar-se-ão mais autônomos e conseguirão seguir seus próprios caminhos no espaço virtual, abrindo novas oportunidades e participando de novas experiências. Sabe-se que, no momento em que o aluno assiste a uma aula, ele acaba sendo apenas recebedor passivo do conteúdo, em contrapartida, quando ele pesquisa e participa da aula, torna-se um sujeito ativo no processo e aprende muito mais. Para que essa autonomia aconteça, o professor deve mediar e orientar a pesquisa e as interações na rede. Isso implica também a compreensão, por parte deste, de que também ele é sempre um aprendiz, de que muitas vezes os alunos dominam tecnologias e ferramentas que os professores desconhecem, e de que a interação e a troca de experiências são fundamentais para que todos se envolvam e se desenvolvam no processo de ensino-aprendizagem. Essas diferenças, na verdade, tornam-se um estímulo para o aprendizado, podendo um aprender e ajudar o outro tanto com relação à utilização da tecnologia, quanto ao conhecimento teórico.

Nesse sentido, percebe-se a importância de trabalhar com a leitura e a escrita nas aulas de língua materna para desenvolver a competência discursiva dos alunos. A gramática, nesse caso, será abordada na compreensão e na produção textual, para que os alunos entendam o funcionamento da língua, sabendo aplicar as regras (de ortografia, acentuação, pontuação, concordância, regência, sintaxe etc.) de acordo com as necessidades de comunicação, ou seja, na produção de seus próprios discursos e na compreensão dos discursos de outrem. Por isso, a proposta apresentada parte do trabalho com o texto, para este planejamento também levamos em conta as múltiplas semioses que permitem trabalhar com diferentes gêneros textuais em diferentes formatos. Nesta perspectiva acredita-se que quanto mais o aluno for exposto e tiver contato com diferentes gêneros textuais em diferentes formatos, mais ele será capaz de desenvolver a sua competência discursiva.

Por fim, este estudo dialoga com muitos outros que também abordam perspectivas de trabalho em sala de aula voltadas aos letramentos e multiletramentos. Espera-se que as reflexões apresentadas nesse estudo possam de alguma maneira contribuir para enriquecer os debates sobre o tema e despertar novas e outras ideias de ensino/aprendizagem em língua materna.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 15 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática: opressão? Liberdade?*. São Paulo: Ática, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio*. Brasília: 2000. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf)>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

BRASIL. Secretaria da Educação Básica. Ministério da Educação. *Orientações curriculares para o ensino médio Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf)> Acesso em 20 de junho de 2016.

COLÉGIOWEB. Disponível em: <http://www.foton.com.br/divirta-se.php?id=drops/evolucao>. Acesso em 28 de outubro de 2016.

DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

KLEIMAN, Ângela. *Preciso “ensinar” o letramento?* Unicamp: 2005. Disponível em: <[http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca\\_professor/arquivos/5710.pdf](http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/5710.pdf)>. Acesso em: 25 maio 2016.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2012.

MUNDO ESTRANHO. São Paulo: Abril. Edição: 185.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática na escola*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola?* Norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2009.

NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO. Disponível em: <http://novastecnologiasecomunicacao.blogspot.com.br/2011/05/evolucao-da-televisao-e-do-homem.html>. Acesso em 28 de outubro de 2016.

PINTEREST. Disponível em: <http://blackboard.grupoa.com.br/blog/uso-de-tecnologia-em-universidades/> Acesso em 28 de outubro de 2016.

PORVIR. Disponível em: <http://blackboard.grupoa.com.br/blog/livros-impresos-ja-comecam-a-ser-substituidos-pro-tables-no-brasil/>. Acesso em 28 de outubro de 2016.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.

SOARES, Magda. *Letramento um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Abril. Edição 365.